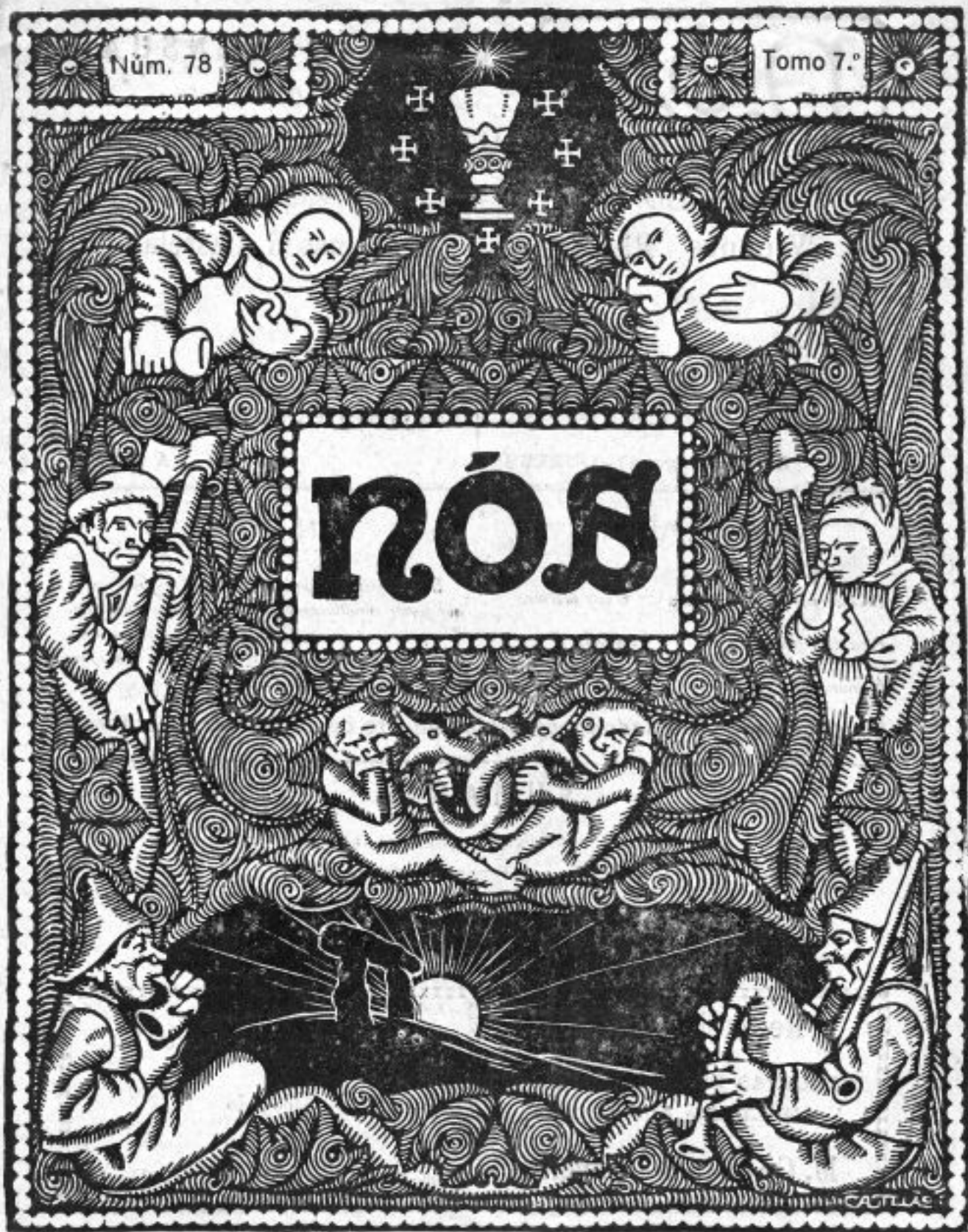


Núm. 78

Tomo 7.º

nóð





BOLETÍN MENSUAL
da
CULTURA GALEGA

Direitor Literario
Vicente Risco

Direitor Artístico
Alfonso R. Castelao

Adeministrador
ANXEL CASAL

DIREIÇÃO E REDAUCIÓN:

Sto. Domingo, 47—OURENSE

ADEMINISTRACIÓN:

—A CRUÑA

ABONAMENTO

NOTA

Doce números, na Península 6'00 pesetas.

Fora da Península 8'00 "

Número solto 0'70 "

Este boletín non publicará máis orixinais qu'os que foran directamente solicitados pol-a Dirección. Tampouco se fai solidario das ideas n-eles emitidos, a non ser das que por non iren rubradas, enténdense que son da Redacción.

Os pagos son adiantados e os gastos de xiro de conta dos suscritores

SUMARIO

As chancas de Rosa (inédita), por AMADOR VILLAR AMOR.

Pesos de rede e chumbeiras, por Tenente ALFONSO DO PAÇO.

Vidas non paralelas, por RAMÓN OTERO PEDRAYO (proseguimento).

Os homes, os feios as verbas, POL-A REDAUCIÓN.

Reloxería ZENITH

MAQUINAS PARLANTES. DISCOS
AGULLAS e ACCEOSRIOS

M. CALVIÑO - Ourense

Vicente Risco

Abogado

Sto Domingo, 47-2°

Ourense



BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA

Ano XII

Ourense 15 de Xunio do 1930

Núm. 78

AS CHANCAS DE ROSA (inérita)

(CADRO RÚSTECO)

*Fun cara a Soutosantín
e volvínmee o anoitecer,
y-entón cadroume de ver
un caso preto de mín,
qu'aixiña vades saber.*

*Rosa unhos porcos gardaba,
y-entramentres parolaba
con Xan, qu'a mais de falar,
ás maus acongo non daba,
pra facela renegar.*

*Comé o díaño as furtadelas
era Xan cas maus aquelas,
Rosa trepouno cas chancas;
—«Cas tuas chancas case mancas»,
queixouse il, ¡recoíro co-elas!*

*E volta as maus xogar
y-as chancas volta a trepar:
—«Es da caste dos marraus,
estate quedo cas maus»
—«¡Vaiche boa! ¡qu'hei d'estar!»*

*Il signe adiante ca soba:
—«¡Ay qué bobo!» —«¡Ay qué boba,
por un pouco un pé m'esmagas»
—«Sí coidas que che son boba
pagarás o mal que fagas».*

*—«Ay, Rosa, pr'as forzas miñas»...
—«Esta Rosa ten espiñas»
—«Ay me caso c'un carballo!...»
¡mesmo me trepache un callo!
¡Chancas fora!» —«As maus quedíñas!»*

*—«¡Rosa, deixate querer!»
—«Esí, Xan, non pode ser,
e ten tino co que fás,
si a festa en paz queres ter;
pois a mín, tí non m'as dás».*

*—«Está queda cos peciños».
—«Pois non me cóllal-as maus»
—«É pra darche unhos biquiños»
—«Pois olla, tes bós fuciños
pra bicar os meus marraus».*

*—«Xugarei a última carta,
anque as tuas chancas lles temo»,
—«Pois ¡toma! que me tés farta;
—«¡Raxo! ¡cas chancas do demo—!...
¡unha centella ch'as parta!»*

*Mais n'estó chega a nai d'ela,
berrando a ver tal función:
—«Déixame a filla ¡ladron!
que por tí esa cadela
fendereille o curazón».*

*Esí acabou tal porfía
ó morrer a lus do día;
por Montalegre saíndo,
chuscando os ollos, surriundo
a Lúa polo que vía.*

AMADOR VILLAR AMOR

Ourense, ano 1905.

PESOS DE RÊDE E CHUMBEIRAS (1)

A questão dos *pesos de rêde* que agora as *chumbeiras* me parece virem complicar, não será de fácil solução e oxalá eu me engane.

Não venho aqui fazer sobre eles, largo estudo, mas apenas dizer alguma coisa do que sobre tal assunto há em Portugal e nos nossos vizinhos de Além-Minho (não ultrapassando a actual casa do noviciado dos Jesuitas portugueses em Santa Maria la Real de Oya), juntando uns pequenos elementos que zolhi no verão deste ano por aquelas terras.

O seu estudo quer como *pesos de rêde*, quer como *pesos de tear*, de há muito foi iniciado na arqueologia portuguesa e galega.

Em 1907 publicara a «Revista de Guimarães» (2) que, por ocasião de excavações feitas em Sabroso por Martins Sarmento no ano de 1878 (15 de junho), apareceram juntas quasi no meio da «casa dobrada», «umas trinta pedras ovais com dois vergões laterais», tendo já aparecido outras mais ou menos dispersas. Não se lhes atribui utilização, diz-se que «são de granito e não seixo propriamente dito» e chatas.

Santos Rocha (3) e Belchior da Cruz (4) falaramnos também na «Portugália» de *pesos de rêde* e de *tear*, mas de cerâmica, e não de granito ou quartzite.

O Sr. Dr. Felix Alves Pereira encontrou em 1906 na estação do Alto da Pena Cova (Arcos do Val de Vez), ainda inédita (5), to-

davia já noticiada pelo Sr. Dr. Joaquim Fontes (1), «pesos feitos de pequenos seixos elípticos, achatados, com rudes entalhes nos extremos do diametro menor», segundo me declarou em carta aquele ilustre arqueólogo.

Em 1916 publicou o Sr. Dr. Joaquim Fontes a estação de S. Julião (2), donde nos descreve e apresenta alguns *pesos de tear* graníticos, com a forma dos *pesos de rêde* de quartzite.

Em 28 de Março de 1925 realizou este distinto prehistoriador na Associação dos Arqueólogos Portugueses uma conferência com o título «Uma excursão arqueológica à Galiza» (3) onde disse que encontrou muitos dos chamados «pesos de tear ou de rêde—pequeno seixo rolado e achatado a que a meio se fez duas chanfraduras em cada um dos seus bordos», os quais abundam no «monte de Sta. Tecla como na sua falda junto á margem do Minho» (4).

Poderiam os do monte, diz o referido autor, servir para os teares, mas os encontrados em baixo, talvez para pescadores, «posto que nenhuma distinção morfológica exista entre eles». O Rev. P.^e Luisier, notavel briólogo do collegio dos Jesuitas portugueses em El Pasaje (La Guardia), noticiou em carta ao Sr. Dr. J. Fontes, que no *concheiro* de Camposancos —sito na falda do monte de Sta. Tecla e que providencialmente foi posto a descoberto quando da construção de uma estrada— encontrou um dos tais *pesos de rêde* que em muito vem apoiar a sua utilização nas redes de pesca (5).

Em 1927 publicou o Rev. P.^e Eugénio

(1) Este estudo fazia parte do meu pequeno trabalho «Estação asturicense de Carreço» publicado na «Brotéria» Vol. X, Fasc. III e IV (Lisboa Março e Abril de 1930). Publica-se aqui separadamente para não tornar aquele demasiado longo numa revista cujo indole não é absolutamente arqueológica.

(2) Martins Sarmento—«Materiais para arqueologia do concelho de Guimarães»—«Revista de Guimarães» Vol. XXIV, página 115.

(3) Santos Rocha, «Estações pré-romanas da idade do ferro nas vizinhanças da Figueira» «Portugália» Vol. II, Est. XXVIII fig. 249 ss.

(4) Belchior da Cruz, «Pesos de tear», «Portugália» Vol. I, página 378.

(5) A notícia desta estação foi dada pelo Sr. Dr. Félix Alves Pereira na semana de Arqueologia Pré-histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses de 13 de Março de 1930.

(1) Joaquim Fontes, «La Station de S. Julião» aux environs de Caldelas», Sep. do «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», Tome VII, Lisbonne 1916, pag. 5.

(2) Idem. Idem.

(3) Joaquim Fontes, «Uma excursão arqueológica a Galiza» «Arqueologia e Historia», Vol. V, pag. 56-57, Lisboa, 1928. (Este estudo saiu em separata em 1927).

(4) Op. cit. pag. 56.

(5) Op. cit. pag. 57.

Jalhay um estudo do Castro que existe junto da povoação de Santa Maria de Oya (Pontevedra) (1) falando nos de *pesos de rede* em quartzite que no mesmo encontrou.

Ainda em 1927 D. Julián Lopes refere a abundância destes seixos rolados com duas chanfraduras laterais, *poutadiñas*, nas estações pré-históricas da Galiza (2).

Em 1928 o mesmo Rev. P.^a Jalhay ao descrever a sua «Estação Asturiense de La Guardia (Galiza)» (3) diz ter encontrado entre os picos asturienses cinco *pesos de rede* formados de calhaus rolados com duas chanfraduras laterais (4). Era a primeira vez que estes pesos apareciam em estações asturienses da península.

Ainda nesse ano o Sr. Dr. Ruy de Serpa Pinto assinalou a sua existência na estação asturiense de Ancora (5), dando o desenho de sete, todos talhados «com dois chanfros nas extremidades do diametro menor» do seixo rolado, como todos os *pesos de rede* e de *tear* até então descritos. Um deles, facto curioso, foi encontrado nas escavações para os alicerces duma casa.

Em 1929 o Sr. Abel Viana publicava na «Estação Asturiense de Areosa-Viana do Castelo» (6) uma série de desenhos de *pesos de rede*, fazendo nas suas considerações destacar três tipos, dos quais os dois últimos se podem agrupar num só. Uns, talhados em «seixos alongados, de contorno ovalado ou elipsoidal»; outros, «menos oblongos». Nuns as chanfraduras interessam apenas uma das faces; noutros as duas. Aqui os cortes são «perpendiculares ou proximamente perpendiculares ao plano dos faces e paralelos ao

eixo maior»; ali, extraiu-se uma grande lasca «de cada um dos lados opostos» (1).

Ao segundo tipo pertencem as *chumbeiras do congro* usadas na pesca pelas gentes do mar, segundo refere o mesmo autor.

Contemporaneamente a esta publicação do Sr. Abel Viana, saía na NÓS um trabalho do Sr. D. Manuel Fernandez Costas (2) descrevendo outros locais em que foi encontrado asturiense na costa galega, não muito longe de La Guardia. Também aí é abordado o problema dos *pesos de rede*, as *poutadas* da «Xente de mar da bisbarra d'A Guardia», que divide em dois grupos: *poutadas grandes* e *poutadiñas*. Para este arqueologo, *poutadas grandes* são os *pesos de rede*, usando-se as *poutadiñas* na pesca á linha.

O facto de aparecerem *pesos de rede* nas citânias do interior (onde têm o nome de *pesos de tear*) não quer dizer, para este autor, que se usassem apenas nos teares, mas podiam também sê-lo nas redes de pesca fluvial (3).

Na estação asturiense de Carreço (4) também encontrei exemplares de *pesos de rede* de diferentes tamanhos e de todos os talhes até agora descritos em estações congêneres, não querendo isto dizer que sejam asturienses todos os *pesos de rede* encontrados naquela estação. Será porém muito difícil destrinçar os exemplares mais antigos dos mais modernos.

Ao cortar nesta estação com o Reverendo P.^a Jalhay uma camada de terra onde estão sepultados calhaus rolados entre os quais aparecem picos asturienses, encontrei um *peso de rede* em forma de 8, isto é, talhado segundo o eixo menor. Sobre esta camada de terra com seixos assenta a dura que cobre algumas partes da costa Atlântica dentro Minho e Lima. Por baixo ficam as terras negras que se vêm em toda a costa. Noutros sitios encontrei alguns pesos bastante gastos, de igual talhe e dimensões variaveis. Ao

(1) Eugénio Jalhay, «Un nuevo castro gallego». «Bol. Arq. Comis. Prov. Mon. Hist. Art. Orense, Tomo VIII, N. 173, Ourense 1927.

(2) D. Julián Lopes Garcia, «La citania de Sta. Tecla o una ciudad prehistórica desenterrada» La Guardia 1927, pág. 109.

(3) Eugénio Jalhay, «Estación asturiense de La Guardia (Galiza)» «Broteria» Vol. VI, Fasc. II, Fevereiro de 1928.

«Bol. Arq. Comis. Prov. Mon. Hist. Art. Ourense» Tomo VIII, N. 179, Abril de 1929.

(4) Op. cit. pág. 182 do «B. A. C. P. M. H. A. O.» que possuio.

(5) R. de Serpa Pinto, «O asturiense em Portugal», Sep. dos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» Vol. IV, Fasc. I Porto 1928, Págs. 28, 29 e 30.

(6) Abel Viana, «Estação asturiense de Areosa-Viana do Castelo» Sep. da «Portugalia», Vol. II-Porto 1929, Págs. 23 e 24.

(1) Op. cit. Pág. 23.

(2) Manuel Fernández Costas, «As indústrias líticas d'Aguardia» Sep. de NÓS, A Cruña 1929, Pág. 11.

(3) Op. cit. fig. 11.

(4) Tenente Afonso do Paço, «Estação asturiense de Carreço» In «Broteria», Março e Abril de 1929.

lado destes porém, como eles entre os seixos da costa, muito rolados pelas águas do mar, vi outros, talhados segundo o eixo maior e com idêntico rolamento ao dos picos asturienses que lhes ficavam ao lado.

Ao visitar com aquele distinto arqueólogo a estação de Camposancos, em fins de Setembro deste ano, colhi dois *pesos de rede*, um talhado segundo o eixo maior e outro segundo o menor. Em Sta. Tecla colhi um pequenino trabalhado segundo o eixo menor e de igual técnica vi muitos no Museu da Sociedade Pró-Monte en La Guardia, provenientes da citânia. No castro de Oya colhi um já bastante gasto con talhe segundo o eixo maior. Em Viana do Castelo, o Sr. Serafim Neves, possuidor duma bela coleção de antiguidades, tem mandado colher na Praia Norte, por ocasião da maré baixa, muitíssimas dezenas d'elles, em forma de 8, todos muito bem conservados na salmoira do Atlântico fóra da ação roladora das águas desde tempos remotíssimos, tendo ainda as arestas bem definidas, apenas levemente patinadas, sendo a sua coleção *aquática* de *pesos de rede*, juntamente com alguns milhares de picos asturienses, a mais perfeita que até hoje vi.

Depois disto e a pesar de alguns casos esporádicos, parece-me serem *pesos de rede* e *chumbeiras* mais antigas as que têm a forma dum 8, como os *pesos de tear* dos castros. E' certo que a sua técnica não sendo sujeita a moldes rigorosos, apresenta muitas variantes. Todavia creio poder estabelecer dois grupos diferentes de *pesos de rede*: uns talhados segundo o eixo menor, outros conforme o maior.

Não me disseram os actuais pescadores de Carreço que empregavam nas redes seixos talhados, mas os velhos de sessenta (de mais de sessenta anos de idade) ouviram falar aos seus avoengos do seu uso em tempos antigos. Um velho contudo, disse a alguém quando da minha primeira visita aquella estação em fins de Março de 1929: — «Olha um dos seixos que nós pomos nas redes do

mar». Indaguei do seu uso entre os pescadores, mas ninguém me afirmou que os applicasse nos tempos correntes.

Manuel Fernandez Costas diz-nos «que inda hoxe algúns mariñeiros d-ista bisbarra (1) utilizan as *pontadas*, grandes e pequenas, nas sus redes e liñas» (2).

Ao lado dos *pesos de rede* há o que em Carreço se chamam *chumbeiras*, outros calhaus rolados e talhados, próprios pra levar ao fundo o anzol e o fio na pesca á linha.

Chamam-se *chumbeiras* porque substituem uns pedaços de chumbo com aquele nome que, para o mesmo fim se emprega próximo da extremidade do fio. Ora como o chumbo é caro e se perdia com muita facilidade, usasse hoje substituí-o pelo seixo que a Natureza fornece gratuitamente e em abundância na região.

Pesca-se muito á linha em toda a costa portuguesa dentre Minho e Lima e mesmo para os lados da Galiza segundo se deprehende do trabalho de F. Costas (3). Na nossa costa emprega-se fio mais grosso ou mais delgado com *chumbeira* na «lucinha», «faneca», «bodeão», «maragata», «robalo», «congro», etc. Porém nem todas as *chumbeiras* têm tamanho igual. Umas são grandes, outras pequenas e algumas intermédias, conforme a pesca a que se destinam.

Um lavrador e pescador de Carreço — em Carreço os lavradores mais ricos têm redes e barcos, possuem «camboas» e são pescadores nas horas vagas — dividiu-me as *chumbeiras* em três grupos, tal qual se classificam entre eles:

1.^o — O das mais pequenas, empregadas na pesca de peixe miúdo como a «lucinha» e por isso chamado em geral de *chumbeiras da lucinha*. (Fig. 1)

2.^o — O das intermédias, usadas na pesca de peixe mediano como a «faneca» e que se chama de *chumbeiras da faneca*. (Fig. 2)

3.^o — O tipo maior, usado no peixe mais

(1) La Guardia.

(2) «As indústrias líticas d-A Guardia» fig. 11.

(3) Op. cit. fig. 11.

graúdo como o «congro», denominado por isso de *chumbeiras do congro*. (Fig. 3)

Para o seu fabrico, disseram-me ainda, empregam de preferência seixos quentes do sol, que são muito mais fáceis de trabalhar, pois com os frios «entra-se» muito dificilmente.

Vi muitas *chumbeiras* modernas, quer espalhadas pela costa, quer na posse dos pescadores, e todas elas eram talhadas nos topos, isto é, segundo o eixo maior.

Encontrei como atrás disse, alguns destes objectos em forma de 8 de tão pequenas dimensões (Fig. 6), que outra aplicação não podiam ter que a de serem usados na pesca á linha, mas o seu talhe lateral difere do das *chumbeiras d'hoge*. (Fig. 1, 2 e 3)

**

Passando a descrição dalgum deste material deixarei em branco os *pesos de rede* em forma de 8, iguais a tantos outros de que se tem falado nos estudos acima citados.

A Fig. 1 é dum exemplar de fabrico recente, e uma das *chumbeiras* usadas na pesca da «lucinha». A sua técnica é simples: extração de uma lasca em cada topo, quasi horizontalmente, afectando as duas faces. Tem as seguintes dimensões: 0,055 X 0,042 X 0,014 m.

A Fig. 2, de quasi igual técnica, tem dimensões um pouco maiores: 0,072 X 0,063 X 0,022 m. É uma *chumbeira da faneca*.

Numa progressão crescente a Fig. 3 é um pouco mais trabalhada que as antecedentes e uma *chumbeira do congro*. Dela se extraíram quatro lascas, duas em cada topo, sendo uma para cada face. Mais profundas que as das figuras anteriores, quasi atingen o meio do seixo. Não é este um exemplar muito recente, pois foi encontrado a cerca de um metro de profundidade, nas escavações,

para os alicerces de uma casa, junto da estação do Caminho de ferro. Mede: 0,095 X 0,082 X 0,033 m.

A Fig. 4, duma técnica muito semelhante á anterior, é talhado num seixo alongado, tendo apenas a mais a extração duma lasca no meio duma das faces. É de fabrico recente e uma *chumbeira do congro*.

A Fig. 5 é de talhe muito mais simples. Trabalhada num seixo oval, apenas lhe extraíram uma lasca em cada topo, ambas voltadas para a mesma face do calhau. Noutros exemplares que aqui não vão representados tem esta técnica uma pequena variante: a lasca dum topo é extraída para uma face do calhau, enquanto que a do outro o é para a face oposta.

A Fig. 6 pelas suas dimensões: 0,045 X 0,025 X 0,015 m. é uma *chumbeira*.

**

Informa-me o Rev. P.^e Jalhay que está em preparação um trabalho do Sr. Manuel Fernandez Costas sobre *pesos de rede*. Esperando que o ilustre arqueologo resolva o assunto ou sobre ele nos traga grandes conhecimentos, faço votos por um feliz exito da sua obra, pois apenas pretendo neste simples capitulo (1) esclarecer o problema na medida dos elementos que hoje possuo, e que bem poucos são. (2)

Tenente AFONSO DO PAÇO

Estoril, Outubro de 1929.

(1) Este estudo era, como disse, um capitulo da «Estação Asturiense de Carreço» — «Breviário» — Março e Abril de 1930.

(2) Desenhos da Exma. Sr.^a Dr.^a D.^a Maria João Lopes do Paço.

N. da I. — Por não se ter recebido do fotograador, as illustrações do presente trabalho, tráz no próximo número.

Vai aparecer

ARREDOR DE SI

Novela, por Ramón Otero Pedrayo.

VIDAS NON PARALELAS

(NOVELO)

(Proseguimento)

**

A aldea dos Vilasantar estaba lonxe das estradas n'unha terra asucada por pequenos vals montesios nos qu'as ringleiras d'ameiros rexistraban xa no setembro un fresco labio d'invernia. Liñares coor da mar e nabearas lenturentas seguían o correr das augas, e arredor dos logares os loureiros romanos dispostos en sebes garimosas gardaban a mol terra das hortas. Un grande camiño empedreado ós anacos desenrolaba d'un val n'outro, choutaba os regueiros en graciosos pontillós de laxes e cando cruzaba os lombos facíase velliño e cangado com'un pelingrín sofridor dos ventos da serra i-estasiado nas chamas dos poentes. As mestas carballeiras sempre gardaban un ulido d'invernia e de cocho de lobo nas follas murchas acuguladas, mais un pouco enriba soilo animaban o morno coor das costas algús remendos d'estibadas coma mantas da casa postas a asoellar. Diant'a casa dos Vilasantar o camiño espallábase entr'outos castiñeiros de valentes canas e un peto d'anemas locía sua feitura ledamente barroca sob'r'un fondo de piornos carregados de orballeira. A casa rexa, de fortes esquinas, con grande cheminea, soilo tiña fiestras pequeniñas con madeiras pintadas de verde e pol-a parte do meiodía unha solainiña sin barandal onde n'outono amarelaban os grandes cabazos e no inverno demorábase un consolo de sol. A Frolinda sabía rexir unha casa. Non esdeñaba apanhar landras nas seráns morriñosas, e tiña mán de vella pra criar leitadiñas de porcos. Camiñaba ás feiras d'acabalo d'unha égoa locente e coidada pra feirear as vacas no seu tempo e daba xe-

nio de vela tan no seu lugar, sin deixar o mantelo nin os zocos, chea d'unha doce dinidade que s'impuña ás murmurazós. C'os seus aforros chegáu a mercar cuaseque todas as leiras de centeo e os soutos qu'o Paulos vendera a disbarate e pol-as noites, despoixa do Rosario, aínda lía n'un libro de letra grande e crara atopado n'un rincón d'alaccea. Aquil libro era un tomo do P. Feixóo e contiña unha carta escrita pol o autor á irmá d'un relixioso, seu compañeiro d'hábito, aconsellándolle con fino senso do mundo e do vivir, que se decidira a escolmar o camiño do convento. ¡S'a Florinda tivera quen'aconsellase! Ela ben quixera entrar de freira en Sant-Iago. Da soila ves qu'ali estivera gardaba unha emzoada lembranza de Belvís, e maxinábase ó pé d'unha fiestra enreixada ollando a procisión das torres de Compostela i-amando entre todas a garrida fermosura da Berenguela. Sofrira moito c'a herexía do Rosendo e non podía afastare de si os derradeiros instantes da señora. Viña a morte paseniño pol-os corredores da casa, o Xacobe choraba com'un neno, a señora c'unha man acenaba car'un esquinál da alcoba: — «Ven meu fillo, chega. Eu non te pechei as portas da casa. Olla, están franqueadas pra ti! Foi un demo o que m'aconsellaba, xa se foi...» Así morría, aínda non tan desgrazada pois soñaba que d'aquila hora o Rosendo era un probe orates n'un lonxano manicomio de Portugal. A Frolinda dend'aquela tardou moito en ver o Xacobe. Recibía cartas d'il e coidáballe dos probes castiñeiros, o soilo patrimonio que lle quedaba no mundo, pois todo o resto das terras deixaraas á ela, boa filla da aldea. Fixéronlle as vóltas algús noivos: un empre-

gado do auntamento que chegaba moi ó señorito n'un faco prestado, un chalán de gando de grosa carteira, e un rapaz lanzal, inocente com'un neno fillo de boa xente de petrucios da montana. Il nin xiquer s'astrevería a falarlle, e foi cabo d'ela mandado pol-os pais cubizosos d'unha boa nova pro seu herdeiro. Non pasaba da solaina dándolle voltas o chapeu e fixo rír a Frolinda. Contodo ela saiu a velo camiñar no seu faco pedrés car'a noite i-a montana e non podía esquencer a frol de bondade e mocidá sinxela que bailaba no ollar transparente do rapaz. Seu deber zera gardal-a casa, seguir a caste, tomar estado? Un día decidéuse. Deixou a criada ben imposta no traballo e de mañan-ciña saiu c'o rapaz do gando e baixou á carretera. Montou no coche e ás poucas horas maravillada a cada volta da estrada, sentíase coberta pol-a sombra dos edificios de Sant-Iago. Bulían greas d'estudantes e pasaban cregos de ollar esculcante e disimulado.

Na casa d'hóspedes da Algalia a Frolinda agardaba pol-o Xacobe. Libros postos en táboas, revistas encol da mesa suxeitas con anacos de rocas recollidas nos paseos, i-o probe leito do estudioso. A rapaza deseguida s'afogou no espazo, pequeno, coadrado, lembrando os hourizontes da aldea galgados pol-o correr das nubens. Dend'a fiestra ollaba un anaco da rúa, por fronte un vello chocolateiro asomaba o fucio, c'a faciana páleda i-enrugada de non ver ó sol. Logo apareceu pol-a esquina o Xacobe, mais outo, mais esguío. Traguía ús libros baixo o brazo e os rizos castaños chegábanll'o colo do gabán. Abrazáronse coma irmaos, o Xacobe pintouselle nos ollos un doce lembrar, i-a curiosidá de saber o porqué do viaxe da Frolinda. Comeron os dous no coartíño. Pol a tarde pasearon pol as ruas desertas e como chamados pol-o sólpór baixaron car'o río dos Sapos. Espertábase o coral das torres cando a irmá falou: ela quería ser monxa, freiriña en Belvis. Si non fora tan tardeiro desexaría pasar baixo a sombra dos vellos muros. O Xacobe demorábase en respondere. Cavilando acendeu outro cigarro, e logo dixo detremiñado teimando pechar a emoción nas rápedas verbas: — Non, miña irmá, meu consello endexamais te guiará

por ise camiño. Non coides que ch'o digo por impiedade. Sei respetar o estado relixioso. Mais considero a tua valente mocidade, e unha obriga que che ven da caste e da terra. Nosa xente desligouse dos eidos, meu pai, noso pai, non quería ouvir falar d'eles, e os eidos, as raíces, ficaram tristes. Cecais por aquil pecado veu a sorte doorosa de todos nós. Un irmao tolo, outro perdido além da mar, eu tamén perdido. Dentro d'ús días serei médico. Eu afogo n'ista vila de tumbas e musgo. Irei ganar a vida onde poida. Tí, Frolinda, es quen podes reconciliarnos c'a terra. Sei que tés un aldeán namorado de tí. Non creias que son istas palabras, palabras lixeiras. Xa o teño pensado e cavilado. Inza na aldea unha familia labrega. Non despreces a dobre chamada da terra e do sangue. É tí es mais da terra pol-o sangue labrego da tua nai. ¿Qué sería dos eidos, e da casa? Si tí deixaras a terra eu tería medo. Pois soilo por tí poderemos os Vilasantar ser perdoados algún día...

O propio Xacobe estranábbase das cousas que dixo. A roca subjacente da yalma xurdialle queiras que non, á frol do espírito. A Frolinda, a seguinte mañán dende o coche, xa non ollou pr'as pedras de Belvis. Na casa da aldea houbo unha canzón e o deixado xardín inzouse de novas roseiras.

O Xacobe ós poucos días saiu cediño pol-a Ferradura. Primadeira. As montanas descontra Noia eran azules como nas pinturas dos Primitivos, a nova lus afondaba o verdecer dos piñeirales, corrían ledos como pardaús os rapaces pr'a escola. O Xacobe alentaba con dificultade no aer desmasiado vivo. Un aer de despedida, de responsabilidade, de algo que se desfai e querendoo non é doce o desfacelo. Era médico. Tíña unha pequena e rexa sona na Faculdade. Baixando pol-os camiños, cruzaba rueiros onde ó pé das probes casas terreñas aínda había inverno no chán mollado, nas rodeiras dos carros. Quería fuxir de Sant-Iago. Logo dese-xaba enxoiteza pura d'un piñeiral. No bolso levaba un libro alemán. Esterricándose n'unha laxe coberta de pinica quixo lér. Unha fondura de ceo azul chamaba por il entr'as graves oxivas dos pinos. Europa. O Mundo. Unha nube viña do mar de Europa.

Era branca no hourizonte como un navio. Ó pasar sobre Compostela sería negra coma un pesadelo. As letras xermanas compuñan ben na sombra do pinal: limpidez da cencia nas vilas sabeas e dinámicas da Alemaña. Dend'as fiestras do Hespidal ollarianse paisaxe d'aquil xeito. As augas corrían car'ó mar. Procuraban o Atrántico. Trás il a terra ceibe, sin cobas ilustres da Liberdade. Agora avergoñábase das falas ditas a Frolinda. ¡Aínda dubidaba seu ceibe esprito! Sería un home entre moitedumes novas. Xa lle custou traballo volver pra Sant-Iago. Houbo unhas apertas de despedida, ús consellos de mestres, algún esconsolo nos doentes do Hespidal acostumados ó doce sorrir do Vila-santar, cecais un paseo pol-a noite guiado por unha fiestra alomeada. O novo médico faltou moitos anos da Galiza. Primeiro foi médico d'unha compañía ingreza. Coñeceu os cocteles elegantes, as mulleres nervosas, o diñeiro correndo a regos, a sesta azul do trópico c'un cigarro caro e ouro no bolso. Fixo unhas frases diant'o fanal da estátua da Liberdade i-o rayolante New York, consoandose na noite c'unha borracheira de lus dos traballos forzados do día. Ouviu sin inquietare frases aldraxantes pra Hespaña nos días da guerra de Cuba. Víu nos portos do Plata trens enteiriños volcándose na panza dos vapores. Lía moita filosofía centífica, estudaba tipos, compretaba i-especializaba a sua cultura. C'us aforros estivo na Alemaña das maravillosas clínicas, do imperial «outillage» incomparabre. As veces un ulido de chán mollado, a curva soave d'un arco, unha graciosa montana trepada de piñeiros traguialle unha lembranza da Galiza. Cecaís d'aquila hora a Frolinda penduraba espigas d'ouro na solaina da casa. Non s'escribían nunca os irmaos. O Xacobe era cibdadán do mundo ordeado pol-a cencia, e paseiaba un misterio interior pol-os boulevards brillantes no empardecer das grandes ruas vencedoras da noite.

Unha mañán desembarcando en Amberes o Xacobe decatouse d'unha cousa importante e tivo un sentimento de sorpresa doorosa. ¿Onde fóra a sua mocidade? Us cartiños aforrados, us traxes ingrezes, moitos libros en varias linguas, unha fala esmaltada por

todol-os acentos atránticos. Estaba o río coor de chumbo e viñan grosas nubens de outonía. O Xacobe pensaba ¿como vóu a pasar o inverno? E decidiu a aventura do eterno femenino.

Ela era unha rusa, recriada en París, disimuladora da sinxeleza de bidueyro da raza con todol-os afeites da cultura. Era tamén médica, odiaba ós Zares e o vodka e tiña encol do Sul ideas románticas e desprezativas. O Xacobe incomodábase cando ela lle chamaba «meu fidalgo español, meu D. Quixote» e o invitaba a facer unha escea de celos estilo Calderón. Puxeron unha clínica n'unha pequena cibdade holandesa, Alkmaar, sonada pol-os seus queixos de bola. Soilo seus tídoos autorizaban á rusa pra exercer a meiciña. Ela era a dona, o Xacobe un axudante. ¿Porque me non adiquei á optica un pouco filosófica ou á pintura? dicía ás veces Xacobe voltando d'apaseio pol-as beiras dos diques. No inverno un xigante cego de oceano disformé, de néboa e de chuvia figuraba comer a terra artificial ela mesma fixada apenas como un plasma frotante de cosmos no caos dos elementos. As severas fias d'albres, os faros, os pobos de coores coma lindos xoguetes, refrexábanse na fondura dos canales e parecían un ensoño entr'as augas do ceo e da terra. Demorados poentes afondados, espaxados, afondados no curvo espello das olas na vibradoira tona dos regos. O Xacobe coída-ba vivir n'un barco, limpo, aseptico, seréo, no medeo da tempestade. Suas ideas de Liberdade e Progreso fóronse tamén refrexando, penceirando e afinando c'a esprenza dos homes, dos libros, dos pobos. Nos viaxes coñecera unha tona de supreficie d'abondo acordada c'as ideas que por contraste profesaba en Sant-Iago. O home ceibe, descansado de probremas d'eternidade pasando un vivir intelixente da millor maneira posibre. Todo estaba doadamente eispicado no positivismo coma si o século pra morrer pechara os ollos sin demandar mais lus, coma Goethe. «O século das luces remata» escribía Xacobe n'un coaderniño de notas «c'a soila lus da lámpara de Davis; si se racha a camisa da lámpara deseguida estoupa a realidade». Ista nota databa do cerne do

inverno. O Xacobe afondaba cada día n'un traballo interior, de meditazón. Por primeira vez sentía o espírito do século encarnado n'un ser: a muller con quen vivía, fermosa froita que non mataba a sede, sistemática con mais afirmaciós que negaciós. A veces asustábao pol-a ferocidade centífica das verbas que empregaba nas discusións, i-espertaba pol-a noite tremando do pesadelo de durmir preto da filosofía centífica en un volume encoadernado en branca pele impasible. Os vellos mestres da pintura neerlandesa tan nenos e esprimentados, coma nadando nas orixes, o calcado esforzo d'un pobo que baixo o imperio da técnica precisa i-heróica pra vivir, lía a Biblia e tecía léendas antigas, as dúas individualidades sereamente apaixonadas, con diversa angustia, de Rembrandt e Spinoza, foron criando en Xacobe unha yalma nova. O principio foi curiosidade, despoixa doerosa necesidá, o derradeiro gozo tímido, logo crecedeira sadisfacción, d'ir descubrindo seu verdadeiro espírito. Envolto nos fumes da pipa holandesa xa daba por ben empregada a morte de xuventude con tal de sacar d'aquíl país a reconquista do seu ser primeiro. Sempre tiña na yalma un balbordo de mar. Quixen ceibarme pol os camiños do Atrántico, agora cecaís o Atrántico me volva a Galiza». Pensaba moito nos paisaniños galegos qu'en Bós Aires nin xiquier quixera mirar. Na primaveira a rusa balrouse d'il d'un xeito qu'o rompimento tivo que acontecer deseguida. A rusa provocouse un aborto. A cousa según ela non tiña a menor importancia. Mais cando o Xacobe lle volveu e espalda, soilo unha triste faciana de vencimento se refrexaba nos espellos da casa.

O Xacobe meteuse en calquer barco. O choque fora demasiado forte. O barco levouno á Bretaña. St. Maló e St. Servain acolleron o médico galego unha fonda noite: luar encol de granitos fresqueiros com'os galegos. Na Bretaña apalpaba outra seguridade da raza c'un enorme sentido do mundo. Ollos verdes guiando as maus no tecido das redes. Os cregos aldeáns presidían folklóricas procisiós arredor dos dólmenes coroados pol-a cruz. «Soilo falla unha pinguíña de Ribeiro ou un rayo do solpor xogando na

cunca do espadeiro» pensaba o antigo escolar de Fonseca. Dinantes de volver a ela o Xacobe levaba a Galiza na yalma.

Cando tomou terra na Cruña fuxía do encontro con antigos compaíños que flaneaban pol-as rúas. Cenou n'unha taberna envolto na nova lediza da fala galega, e deseguida saíu a procurar unha tranquilidade interior. Xa nin dubidaba qu'o millor que fixera na vida fora o consello dado á Frolinda. Todol-os cotos estaban ledos de xestas e toxos en frol. Os penedos amugados figuraban socegar ledamente do bailado a que foran invitados pol-a máxica vara d'un Merlin. O ventíño levían rafiaba a contrapelo, como agasallando a un animal, a roiba supreficie dos agros espigados, e nas carballeiras o cuco choutaba dos carballos agromados os calados troncos espidos decíndolle c'a sua fruta: «espertade petrucios, vinde á ronda da primaveira». Batíalle o curazón o Xacobe o franquear o portal: había toradas de castiñeiro de cerne branco baixo os pendellos, molladas de trebo na comedeira, pol-a solaina rubia unha presada de ácios coor de vals romántico, e corria, inxenuo e torpe, un becerríño marelo pol-a larganza do curro. O Xacobe apenas se demorou un día. Pasouse a noite en conversas de lembranzas. Traí'as portas estaba de fixo pendurado o tabardo do pai e na brancura das sabáns había un flebe recendo das mazás outonizas qu'a nai recollía c'as maus tremorosas d'un negro presentimento. O home da Frolinda saía ben cedo c'os bois pr'arada das nabeiras. Ela estaba feita unha socegada dona, nos ollos a serenidade das sazóns, e a concenza da caste fluíndo a través d'ela dos lonxanos orixes á nova agromada dos fillos. Non esdeñaba traballar a terra inda que millor fora a forza tranquila do fogar sempre acese vencedor das tebras nemigas. O Xacobe contento, c'unha seguranza por fin na yalma, deixou a casa anerga e sin entrare en Sant-Iago, dispuxo unha xeira pol-a Galiza.

Pois Sant-Iago era pra il un problema non resolto. Dubidaba. Non podía enxergar craro. Disposto a orgalzar a sua vida encol d'unha «speciae aeternitatis», sin saber compretamente como, entraba ledamente n'un

noviciado c'a esperanza segura de saír d'il feito un mestre. Pra vivir estabreceuse n'un portinho mariñán das rías outas. Soilo a branca carretera costañenta cinguiao cruzando piñeirais e rubindo lombos de serra ás bisbarras labregas e montesías do interior. Todo o porto sugaba o vivir do Atrántico enorme e curvado n'hourizonte, duro e feiti-ceiro ensino pr'as azas dos barcos i os ollos da xente. Na praia os nenos xogaban cos restos do naufraxio e unha lus quente, amiga dos loureiros e das laranxeiras ó abrigo consoaba da invernia contodoagardada c'unha especie de saudade. Xacobe tivo a súa casa de grandes salas avigadas, balcóns barrocos con locentes bolas de vidro encoidos ferros e unha cocíña antiga pra ouvir os contos dos mariñeiros. Namentras se non puxo de cheo ó traballo, pelingrinou moitos meses pol-a Galiza. Antigos compañeiros atopábano por camiños e ruas. E xa non ocultaba o seu noviciado redondor.

Da pé, c'un caxato na man i-o zurrón viaxeiro andivo os chaos lucenses, pais de augas, ollándose nos illós, procurando ó lonxe as neves dos Picos. Así descubriu unha serán a cerca romana de Lugo e n'unha lus dubidosa considerou o Cristo románico. O mesmo Cristo, a virxe, os santíños do pobo, agardábano nos cruceiros das encrucilladas e nas eirexas de ouros locidores baixo a curva do arco trunfal das eirexas. Misturouse c'a grea latexante das feiras choutando dos bós froitos da terra e do traballo as historias dos cegos. Pisaba as veces algún anaco do camiño de Sant-Iago e dinantes do outono baixaba ós vales ourensáns. A vendima aturuxaba no val do Avia. Unha enerxía poética, de creazón, facía madrugar o sol nos pazos i enchía os logares de recenderes fortes. No Santos andivo pol-a costa de Vigo e Pontevedra. Os grandes paquebots, repousaban ó amparo das rías caladas n'un espírito estasiado. Pouco a pouco da terra artística e lembradora foi xurdindo pr'o Xacobe a grande forza da Galiza. Xa s'astrevía a falar d'ela sin arrodeios. Convencido da existencia d'un espírito encoberto pol-as cousas fuxitivas consideraba que ningún país podía ter esperanza de ceibar tanto espírito no mundo novo d'algún día, coma a Galiza qu'il

descoñecera e aldraxara. «Tiven que negar pra que chegara a mín a verdadeira lus». Dicía istas cousas non coma vencido e resignado sinón como trunfador seréu. Por iso tivo valor pra chegar a Sant-Iago. Agora leía no alfabeto da Terra. Eran claros os pórticos e as rúas, os símbolos e as lembranzas, a vos das campanas e as augas do Sar, e por primeira vez desde neníño axionltouse diant'a coba do Apóstol.

Xa no porto adicado ó traballo con moitos libros, moitas esperanzas e un gusto renovado cada mañán pol-o vivir, o Xacobe afixo-se a escribir un diareo. De tel'o comprobante sería un intresante documento psicolóxico e unha aportación á historia d'ise galeguismo calado que sin bulir na literatura, é unha das raíces da Galiza futura e a razón da fidalguía que pode presentar a Galiza presente. Mais poucos anacos quedan d'il e por mais non era moi grande pois todol-os Vilasantar, agás do indiano, morreron novos. Por fora foi a do Xacobe unha vida vulgar alternada de egoísmos de estudioso, e de esforzos caritativos, con algunha escura heroidade de médico intelixente e sabido n'un pobo arredado. Tiña moitos libros e os seus intemos aseguraban con certa inquietude que o doutor trazaba facer unha filosofía, nin mais nin menos, istromentando arredor da intuición poderosa e indiscutible do ser da Galiza, todol-os temas d'unha cultura requintada, precisa pra darlle corpo e vida aparente a aquila primeira evidencia. Non debía andar lonxe dos libros de cabaleirías que produciron a toleria do seu irmán Rosende por mais que nós non poidamos asegurar o feito de qu'o Xacobe gardara un maravilloso silencio disciplinario e catártico despois das visitas que facía a certos piñeirais nas noites aluaradas. Tamén se dixo qu'algúnhas veces estaba fora de si e qu'un mariñeiro coñecedor coma ninguén das furnas dos roquedos e dos caprichos femeninos e terribres das mareas, non quixo levalo mais na súa barca desque unha serán lle pareceu qu'o médico atraguia o trebón decíndolle verbas de inspirado ó sol xa preto de se deitar no mar. Nos pobos hai moitos contos. E por mais, cuáseque sempre o médico era home dado e alegre, amigo das tarpeiradas

e o millor e mais fino catador de marisco da rexión. Cando iba a Sant-Iago paraba n'unha pousada d'estudantes, e procuraba estar ó tanto dos movementos d'opinión dos estudantes e da xente moza. Era amigo dos cregos, apesares de que un sabido arcipreste de brancos cabelos e moita técnica psicolóxica o tachaba de panteísta e sostíña c'ó il entramblicas discusiós que sempre remataban merendando xuntos e afastándose mais amigos que nunca. Apenas se lle soupo d'amores. Falóuse d'algún namorouzo con loiras pescantinas de corpo de bimbio i-andar gracioso e miudiño de sirena en terra, cousa doada de eispricar e disculpar n'un home mozo e solteiro. Mais as cousas non deberon pasar a maiores porque a filla d'unha boa familia do val bergantiñán recibía con moita legría as visitas do Xacobe apesares de ser il home un pouco maduro pra ela, nena que lembraba a prantar os xazmineiros que pol-o d'entón acoubaban a fiestra do seu coartíño no pazo. Dixose que Xacobe se non decidira a tomar estado porque non estaba d'acordo c'ó sogro en s'adicar á política nin c'a nena que falaba de pasar todol os anos unha tempadiña do inverno en Madrid. Total, que o Xacobe seguía solteiro. Cando o maor dos fillos da Frolinda chegaba ó tempo d'estudar o Xacobe adicouse a guiar i aconsellar ó sobriño coma si fora un fillo. Tivoo algunhas tempadas no porto, facíao estudar, eispricáballe moitas cousas e a vella criada viulle bágoas nos ollos cando lle falaba da Galiza ó rapaz. Teimaba que fora médico mais non chégou mais qu'a velo pasar do 2.º ano de Anatomía pois colleuno a morte e con ela perdeu o rapaz un apoio seguro no mundo. Cecaís quixera o Xacobe facer do sobriño un continuador en obra e aución do seu calado pensamento.

Un par d'anos dinantes de morrere diu o médico n'unha tema rara que aconteceu da seguinte maneira. Coñeceu en Compostela a

un mûseco extranxeiro, alemán ou danés, i-entusiasmouse con il de tal xeito qu'ó levou a vivir consigo. Chegaron unha noite no coche con dous bultos disformes na baca. Eran dous violoncellos. O médico emperrábase en adeprender aquil istromento e por moito que fixo pouco adiantaba o pobre. Ficaba triste coma sentindo en si e arredor de si un mundo que non podía eispresare. En troques o extranxeiro tocaba que daba xenio ouvílo e ás noites os marifeiros dend'a rúa laxeada coidaban ouvir na casa do médico un balbordo de tromenta lonxana ou aquela gravidade con que o mar tranquílo figura acoller a presenza de Noso Señor camiñando sobre das augas. Soílo había un mal. O extranxeiro era dado ó viño e as bebidas fortes do norte pechadas en botellas e frascos poliédricos, e parece que contaxiou d'esta paixón o Xacobe pois moitas noites, os dous chispos, despoixa de facer traballar a rego os violoncellos ficaban coma cotas e andaban pr'ó peirao falando cousas raras en lingoas endiañadas. Poucas cousas mais poderamos lembrar do vivir do Xacobe. Serían en todo caso de pouca importancia pr'ó coñecemento do home que como tantos outros levou a caba, sin dúbida, moitas ideas dinas de ser espalladas. No pobo e na bisbarra sentírono moito os amigos contando n'istes ós probes qu'il atendía millor qu'os ricos sin ser tirano nas recetas pois hastra tiña de bô o seu amor ós remedios caseños. Aínda hoxe se recordan d'il. O home da Frolinda adequiriu moita larganza de terras e todol-os fillos s'adican á labranza menos o maor que está de médico, aló nas montañas de Mesia ou de Sobrado, e din que ten moita semellanza no carauter e no trato c'ó seu tío Xacobe.

RAMÓN OTERO PEDRAYO

Ourense, Febreiro do 1930.

Xa apareceu o libro de Castela Cincoenta homes por dez reás

OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS

LIBROS

LUIS OLIVEIRA GUIMARÃES: «Caixa d'amendoas». Empresa «Alma nova». Lisboa, 1926.

RAMALLO de poemas d'amor e pracer, de tango e fox-trot con espiñas e recendores de ironía compracente.

«O Diabo, mestre de Dança». Edición Ressurgimento—Lisboa.

Istas prosas, rápidas, intenzoadas, xornalistas, responden ó mesmo tema do libro anterior d'Oliveira Guimaraes, misturadas con finas críticas de tipos e cousas d'un tempo que xa nos fuxe d'entr'as maos deixando, contodo, certa malenconia.

ALBERTO V. BRAGA: «San Gonçalo, culto e lenda das bandas do seu berço». Separata da revista «Gil Vicente». Lisboa 1929.

ESTUDO da vida do San Gonzalo (s. XIII) apoiado en eruditas fontes eclesiásticas, abondoso en cadriños de vida ascética e milagreira, resaltando o papel do santo na repoboación de Amarante. Seu culto nos conventos e casas de relixión de Guimaraes onde tivo o primeiro altar na Colexiada, no berce do santo a pequena aldea de Taxilde, as Irmandades e legados, a romeiría de S. Paio de Vizela de sabor aldeán e ledo, as imaxes, e outros recordos intresantes sendo particularmente o estudo das lendas e tradicións. As pisadas de S. Gonzalo no monte de S. Bento en Taxilde e n'outro de Varziela, penedos de «coviñas» nos qu' o culto cristián se mistura c'outros antergos sempre presentes na y-alma do pobo, qu'as atribuíe a difrentes santos, a auzón dos seus pes, seu corpo, seu bastón coma é o caso do S. Gonzalo c'a sua *bengaliña*. Lembrado no calendario popular, en ensalmos pra coeifa, forno e outras cousas da casa e pr'as doenzas, e sobretodo como casamenteiro de vellas desque sendo abadé en S. Payo de Vizela, asegún a tradición, casou a unha velliña probe c'o mais doncel e rico mozo da parroquia. Na terra de Taxilde e Vizela é xeneral o culto das fontes: Fonte da San Forcado, na vispera do S. Xohan lávase a

xente pra sandar de doenzas na fonte de San Gualter, lavando tamén os nenos e deixando n'auga as camisiñas d'eles, fonte de Santa Angela onde se lavan a meia noite do 24 de Xullo, e fonte de S. Gonzalo, ó pé do monte das «pegadiñas» feita nascer pol o bordón do Santo que crebaba os cántaros dos mozos volvendoos inteiros ó velas chorar. Nas festas dos Santos Gonzalo, Trocado e San Xohan véndense figurinas d'eles, de masa e yeso, que chaman sangonzaliños, santorcatinhos, e sanjoaozinhos a que aluden moitas cántigas tamén coñecidas en Galiza. S. Gonzalo ten'a sua igoal o do S. Amaro d'Oira: «feito de pan d'amieiro—irmao destes meus tamancos—criado no meu lamieiro». Ista do San Gonzalo dícese obra do Filinto Elysio volta popular. Moitas chegan ás illas Azores onde se teñen recollido: D'elas unha corrente na Galiza tamén a conta de S. Amaro: «San Gonzalo de Amarante—feito de pau de azevinho—.....—como o porco no focinho». No culto do santo frade de San Mingos tamén andaban os «testículi» como os ollos pra Santa Lucía, os ex-votos de pernas, brazos etc, pra outros santos. O santo é coñecido non pol o nome da sua terra sinón pol-a adoutiva de Amarante.

J. R. SANTOS JUNIOR, NOTAS DE MEDICINA POPULAR TRASMONTANA, AS RUINAS CASTREJAS DA CIGADONHA, Porto, 1929.

DUAS publicaciós do Instituto de Antropología da Facultade de Ciências de Porto. A primeira adicada ó Profesor Mendes Correia contén un preciso e requintado estudo sobre observaciós recollidas sobretodo nos concellos de Mogadouro e Moncorvo comúns ás que poideran facerse en tod'a provincia de Tras-os-Montes e moitas a todo Portugal. Refírense ó nacemento e previsón do sexo, doenzas da nai, infancia, adenopatías, distensiós, febres palustres, feridas, doenzas dos ollos, dos ouvidos, da cabeza, dos dentes, dos riles, do ventre, cólicos, reuma, erisipela, sarna, mordedela de escorpión e de víbora, «paletilla caída», ráira, ictericia, i-outras, que precisarían unha longa e detallada comparanza c'a terapéutica popular galega. Un repertorio enorme de

práticas máxicas con farto folklore e localización precisa. Citaremos algunhas prácticas: os nenos miudiños e fracos son pasados por tres mulleres que se chamen Marias pol-a fenda d'un negrillo ou d'un carballo cerqueiro, operazón que s'estende ás quebraduras, os nenos de malo xenio son pasados entr'as poutas dos liós que sosteñen o túmulo do Sto. Apolinario, os doores de cabeza poñendo un chapeiño d'aas curtas na romería do S. Xohan, a paletilla ou espineira caída con fortes movementos impostos ós brazos do doente ou levando o curandeiro as costas, a raira c'a mistura en bolos chamada «remedio da Cardanha» pol-o lugar onde o practica a familia do inventor, a ictericia ou tricia con piollos fritos con ovos, a auga pol-a noite adormece, non se debe coller por que Noso Senhor diulle unha hora cada noite ás augas pra que durman. Unha concrusón e bibliografía cerran iste fermoso estudo.

O castro da *Cigadonha*, en Carvignais, concello de Moncorvo, ten recinto amurallado i antecastro, prche en cerámica, ten o intrés do nome cecais aparentado con *civánia*. A lenda fala d'un becerro d'ouro soterrado no lugar sinalado por un gato isculpido, fadas que na mañá do S. Xohan asocellan a roupa, vasixas d'ouro e de pezuña. A dous kilómetros do castro hai petrogrifos con signos cruciformes e esquematización de figura human.

A. A. MENDES CORRÊA: A GEOGRAFIA DA PRÉHISTORIA. Publicación do Instituto de Antropologia da Universidade de Porto, 1929.

O erudito e sempre suxestivo mestre Mendes Corrêa da un libro agardado e necesario pol-o crecemento e intrés urxente da ciencia prehistórica. Forte e lixeiro, simpático i-evocador volume. Xustifico o asunto no primeiro capítulo apoiado nos mais certos cultivadores da Antropoxeografía, sinala o feito na Xeografía prehistórica dende Thoulet e Reclus deica Estacio da Veiga, Mortillet e Chautre (autores do sistema de signos convencionaes pr'as cartas) Dechelette e o seu sistema gráfico, Grant MacCurdy, Bosch Gimpera, Capitán Deffontaine, Obermaier, L. Cuevillas e a sua escola catalogadora dos castros galegos, Angel del Castillo etc. Móstrase partidario da maior oxetividade na cartografía pra que seña ela base boa ás interpretacións, espoñendo tamén no capítulo 2.º a sua tésis do «arco antropolítico indico» na que ten gran valor a cartografía, derivando a localización da antropoxénese do estudo xeográfico das des-

cobertas paleontolóxicas que interesan a filoxénese do Home e dos Primates. Dito arco liga o Sul da Africa, o Egipto, Palestina, N. do Indostán, Java, Filipinas e Australia na orla periférica do Indico. Sinala as proiecções convenientes pra cartas grandes e reducidas, e necesidade de gardar as curvas de nivel, e outras condicións pra maior eficacia d'ista cartografía indicando seu sistema de signos. Adica o cap. IV á Paleoxeografía física cujos feitos variados vanse coñecendo i-ampriando, precisando a importancia da toponimia. Nos feitos de Antropoxeografía prehistórica estuda as variacións entre a poboación dispersa (ex. o chellense) e concentrada (época dolménica), o «habitat» c'as suas áreas optima e marxinal, os camiños, a xeografía económica, a grande revolución que significa o inicio da era dos metais e a xeografía da guerra. Remata o fermoso libro do Sr. Mênades Corrêa c'un craro e forte resume.

J. R. SANTOS JUNIOR: PINTURAS MEGALÍTICAS NO CONCELHO DE CARRAZEDA DE ANCIÃES. Publicación do Instituto de Antropologia da Universidade de Porto, 1930.

Os tres dólmenes (houbo mais) existentes nos termos de Vilarinho de Castanheira e Zedes, concello trasmontano de Carrazeda de Anciães teñen sido estudados e citados mais d'un xeito requintadamente científico deica iste traballo do Sr. Santos Junior, que os crasifica no eneolítico seguindo a crasificación de Obermaier. O Sr. Santos Junior fixo n'eles a importante descuberta de pinturas nos dólmenes «Pala da Moura» (tipos de *eses*, *ollos* e crecente con trazo aganchado) e «Casa da Moura» (esquema de ollos, cobra, ondulacións enigmáticas, esquemas humanos, ave?), bermellas, aloxadas parte d'elas en covañas e restos de composicións maiores afumadas pol-as fogueiras dos pastores. Ista descuberta fan medrar o número de pinturas megalíticas do N. de Portugal país onde se repete a representación da serpe.

F. LÓPEZ CUEVILLAS, NOVAS CERÁMICAS DAS ANTAS GALEGAS. Separata dos TRABALLOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGÍA E ETNOLOGÍA, Porto, 1930.

ESTUDO encol das cerámicas atopadas no vrán do 1929 o desfaguerse pol-os obreiros d'unha estrada tres ou catro mámoas preto de Calvos de Randín. Son anacos de tres vasos eneolíticos, un d'eles campanifor-

me, o décimo dos descubertos deica hoxe na Galiza e o primeiro en localidade arredada da costa, de notábre orixinalidade pol a decoración de triángulos descoñecida nos outros galegos e diferente dos outros da Península. O enlace d'iste vaso non se pode procurar na meseta nin no Pirineu, sinón no Portugal do centro e c'a cerámica das Penhas (Guimarães) e as Motas (Lobeira) respondendo a unha corrente de relación do val do Salas c'a terra de Guimarães, Cuevillas inicia seu traballo c'unha certa interpretación xeográfica da Limia e dos países míticos, cúa relación esprica as características do vaso n.º 2 de Calvos pertencente a un tipo local mítico.

RODRÍGUES LAPA, O TEXTO DAS CANTI-GAS D'AMIGO, Separata da rev. A LINGUA PORTUGUESA, Lisboa, 1930.

Un eruditísimo estudo encol da linguaxe das «Cántigas d'amigo» publicadas con toda a honra de que son merecentes pol-o ilustre profesor Núñez. Rodríguez Lapa segue un criterio de fidelidade á grafía antiga, achegándose os orixes comúns do galego e do portugués n'un tempo no que a nasalidade non tiña trunfado e fai atinados exemplos de fidel reconstitución da lingua fermosa dos grandes líricos dos canzoneros. Un estudo que coma todo vial e básico, intresa tanto a groriosa literatura portuguesa como o coñecemento da nosa.

REVISTAS

BOLETIN DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA, Xaneiro de 1930.

SUMARIO: La Cruz procesional de Baamorto, Angel del Castillo.—Epígrafes medioevais da eireja de Ourazo, Fermín Bouza Brey.—D. Francisco M.^a de la Iglesia (apuntes para su biografía (conclusión), Fr. Guzmán Placer López.—Un novo machado de talón de dous aneis, Florentino López Cuevillas.—Puentedeume y su comarca (apuntes históricos) Antonio Couceiro Freijomil.—«Hallazgo arqueológico».

A. del Castillo despoixa d'indicar algunhas das millores cruces galegas estuda a fror delisada con rica ornamentazón de Sta. María de Baamorto (Lemos) xuzgándoa do inicio da segunda metade do século XV. A eirexa de S. Pedro de Ourazo (Tabeirós) contén tres lápidas nas que F. Bouza lê a consagración, os fundadores e o autor material da obra, de cúa feitura románica non fican mais qu'os epígrafes estudados. Remata

o P. Pracer López seu traballo en col de D. Francisco M.^a de la Iglesia, c'a vellez trunfante do patricio e sua morte na Cruña (1897) acompaña a bibliografía competente. F. Cuevillas trata c'a mestria n'il acostumado do machado de talón de dous aneis, atopado en Verdúcido (Lama), en terra de veciñanza entr'as Rías Baixas ricas n'istes achádegos e a bisbarra stamnífera do Suido e Testerio. Couceiro Freijomil describe os castelos de Moeche, Narabio, Villalba i-as eirexas de Betanzos (Sta. María, Santiago, S. Francisco), tratando de Fernán Pérez o Bóo. N'as «Noticias» A. del C. dá conta dos fermosos capiteles (inspirazón románica: vieiras, aves con froitas) atopadas no derribo do pazo d'Andrade en Pontedeume: pertenceron ó pateo d'honra do castelo e pazo de Fernán Pérez o Bóo.

AN OALED, Le Foyer Breton, 2.º trimestre 1930, Carhaix-Cournouaille.

SUMARIO: Skol Veur Barzed Breiz.—An Tad Doujabl Juluan Maner, gant Taldir.—Pipi'n Heri ha Kato Ravet, gant Berthon.—D'it va mam, gant Abgrall.—Beg-ar-Raz, gant Ael Kerisit.—Y. Berthon:—Les Blancs et les Bleus de Bourgogne.—Mac Master Campbell:—La Renaissance du Gaélique écossais.—H. Dubois:—Une amourette de Héros (2.º acte).—Le Goff:—L'abbé Joachim Guillôme (suite).—A Morel:—La boulangerie bretonne (suite).—Lagade: Les Vedettes de chez nous: C. Cottonnec.—Fédération des Luttes.—Assemblée d'Armorica.—Echos et nouvelles.—Questions et réponses.—L'enseignement du breton obligatoire.—Bibliographie.—Le Roy:—La mort d'Abgrall.

Ives Berthon sinala con moitos datos e novas, as lembranzas étnicas, e hastra druidicas que s'atopan nas prácticas dos chamados «blanc» ou «bleus» d'algús pobos arredados da Borgoña. Inda que procedan do xannenismo ou da negativa a acoller os cregos concordatarios do 1801 fôrmando a que se chamou «Pequena Eirexa» como depositaria d'antiga disciplina, gardan inspiracións e costumes galas. O artigo de Mac Master Campbell é particularmente intresante: o gaélico, língua da Eirexa de San Colomban, misturado co Picto indixena, foi a língua de Escocia deica o rei Malcolm Canmore cúa dona trouxo sua língua inglesa apoiada pol o clero inglés. No século XVIII o gaélico refuxiábase mais alá do río Tay: no século anterior apesares da presión administrativa o Sinodo d'Argyll traduxo as Santas Esquirturas ao gaélico. No XVIII, despois da batalla de Culloden, comenza o rexurdir:

bardos, as traducións ou adaptacións de Macpherson, a fundación da «Highland Society» de Edimburgo. No dazanove a aglomeración da vida industrial foi perxudicial o gaélico e soilo se cultivaba pol-os poetas e folkloristas da illa de Islay. O novo centro foi dende 1871 a Sociedade gaélica de Irverness e os traballos do profesor Blackie, e logo c'os congresos anuais de música. Hoxe hai cadeiras de céltigo na Universidade d'Edimburgo e nos colexios universitarios de Glasgow e Aberdeen, e reciben ensino oficial nas escolas mais de once mil nenos. (En Sant Iago a románica lingua galega non ten unha cadeira e n'hai escolas pr'os nosos rapaces. S'o saben fora de Hespaña será pra rirse de nós). O abate Le Goff trata na «mite» do seu estudo da obra literaria de Naquin Guillem, autor do poema *Livr er Labourer*, especie de Xeorxicas en bretón, de grande intrínseco nacional, folclórico i-educativo. O abate Guillem viviu no bó tempo romántico. Cotonec, é presentado no artigo de Lagadec coma me-tre i-organizador dos sports atléticos indíxenas da Bretaña. Iste número contén unha chea de novas sobre o crecedeiro movemento celtizante (congreso de círculos celticos, nomes bretós dados ás novas ruas da cidade obreira de St. Marc, preto de Brest, o ensino do bretón feito obrigatorio nas escolas libres da diocese de Kemper e León: lingua, historia, xeografía, catecismo pr'os nenos en bretnó). Nova da morte do novelista e bardo Janch Abgrall ós vintetres anos.

BROTERIA, Maio de 1930.

I. «As responsabilidades de Guerra Junqueiro», por Serafín Leite, II. «Brasileiros e

portugueses; ao encerrarse a Exposición de Sevilha», por Luís Gonzaga Cabral, III. «Luís Gonzaga de Azevedo», por S. L., «Idade Media», IV. Reinado de D. Alfonso III (Documento de 1253), por Luís G. de Azevedo, V. «Aviação», por M. de Montefreixo, VI. «O movemento Vicentino em Portugal», por José Pinto d'Araújo, VII. Revista de Revistas, VIII. Notas bibliográficas, IX. «Obras recibidas na Redacción».

I. En Guerra Junqueiro apesares do seu fondo relixioso hai unha terrible falta de sinceridade que lle produxo un triprice desorden: do espírito (énfasis) social e moral, sendo o poeta a mais acabada espresión portuguesa do individualismo literario vehículo do nihilismo social. II. Descontra algunhas discordes opinións fica en pé a grandeza da obra colonizadora de Portugal no Brazil demostrada d'un xeito erudito e serio. III. Foi Luís Gonzaga de Azevedo (sepultado en Camposancos) un bó sacerdote e un eminente historiografo cujos seis volumes que afixa se imprimirán darán novas luces encol de moitos aspectos históricos de Portugal. IV. O P. Luís G. de Azevedo reutifica a interpretación dada por Herculano d'un documento de Alfonso III importante por mostrar aquil Rei n'unha outra política da que se lle ten imputado. V. Lembranza afervoadada de Sacadura Cabral tratando o articulista dos proieutos de Costes e criteca dos *amaródromos* inventados por Armstrong. VI. Gabanza xustificada da obra das Sociedades de S. Vicente de Paul.

Imp. NÓS, Linares Rivas, 50 - A CRUÑA

F. ROMAN E SACO

DROGUERIA e FARMACIA

Pereira, 19 — OURENSE — Teléfono 28

P A R D O

ÓPTICO CENTÍFICO

Preguntoiro, 32

SANTIAGO

San Andrés 50

A CRUÑA,

CASA EISCRUSIVAMENTE ADICADA A ÓPTICA CENTÍFICA

FOTOGRAFABADO

Si quer qu-os seus fotografados sexan o mais perfecto posibres, convenlle envialos aos

Talleres de fotografado ESPASA-CALPE S. A.

Ríos Rosas, 24-Apartado, 547 MADRID

Drogueria e Farmacia

LUIS FÁBREGA

Progreso, esquina a Luis Espada

OURENSE

MERQUE VOSTEDE

Plumeiros **RAFIUM**

De mais dura qu'os de pruma e limpan millor. Véndese en todol-os establecimientos do ramo

Andrés Perille - OURENSE

BODEGAS GALLEGAS, PEARES E OURENSE

Viños finos de mesa; Tinto TRES RIOS. Blanco BRILLANTE

LOS GALLEGOS blanco e tinto

Macía e Valeiras, Apartado 18 - Ourense

Sanatorio Quirúrgico de San Lorenzo

SANTIAGO DE GALICIA

DE LOS PROFESORES

D. Fernando Alsina y D. Antonio M. de la Riva

CIRUJANO

GINECÓLOGO

Establecemento dotado de todol-os elementos que exixen a terapéutica e a hixiene modernas, situado nas aforas da poboazón, moi cerca do paseo da Ferradura

Teléfono número 195

Pra detalles, calquera dos Directores ou o Médico interno



A hixiene dos nenos

é a garantía da súa saúde física e moral o día de mañá.

No diario aseo dos nenos emplee o
"Jabón Sales de la Toja",
único que ás súas altas calidades
meiciñás xunta toda a finura e pre-
fume d'un xabón de tocador.

Contribúe ó perfecto des-
enrolo das criaturas e evi-
ta o perigo da escrófula e
o raquitismo.

**JABÓN
LA TOJA**
UNICO EN EL MUNDO



O Xabazón da Toxa
é o mellor.
Honra á Galicia no
mundo enteiro



AGUAS DE
MONDARIZ
FUENTES DE GÁNDARA Y TRONCOSO
Propiedad de los Sres. Hijos de Peinador

Véndese en total-as
Boticas, Droguerías,
Hotels,
Depósitos d'augas
minerás,
Restaurans e
vagós-camas de
todol-os três.

Estas augas, de sona universal son
o remedio enxebre e eficazísimo
cand'un quer combater o Artritisismo,
a Diabetis, Desnutrizón, Obesidades
diversas, doenzas do Aparello dixe-
tivo, Anemia e Neurastenia

Riquisma auga de mesa
===== gaseada naturalmente =====

Mondariz-Balneario, áchase á 35 Km. de Vigo